

## LINGUÍSTICA APLICADA: UM PERCURSO HISTÓRICO

Adriano de Alcântara Oliveira Sousa  
Universidade Federal do Piauí (UFPI)  
[adrianoalcos@hotmail.com](mailto:adrianoalcos@hotmail.com)

Júlia Maria Muniz Andrade  
Universidade Federal do Piauí (UFPI)  
[Juliam\\_andrade@hotmail.com](mailto:Juliam_andrade@hotmail.com)

**Resumo:** Este trabalho, ao considerar os conceitos teóricos da Linguística e os diversos contextos históricos mundiais, tem como objetivo fazer uma revisão histórica de como se processaram as modificações quanto à definição, propósitos e filiações teóricas da Linguística Aplicada, além da tentativa de apontar, através de uma perspectiva histórica, qual a solução para os problemas e limitações encontradas atualmente por esta. Esta revisão histórica se faz de grande valia para a compreensão, em aspectos gerais, por exemplo, por parte de leitores com pouca experiência na área ou para iniciantes neste campo do conhecimento, mas não somente para estes, visto a importância dos acontecimentos passados para as prospecções futuras e o incentivo ao desenvolvimento de pesquisas pertinentes acerca destas. Para a construção desta revisão teórica foram utilizados fatos históricos, que tiveram representatividade tanto em território nacional (Celani, 2000; Fonseca, 2002; Soares, 2008) quanto internacional (Cook, 2008; Grabe, 2010) e que exerceram papel determinante no desenvolvimento da Linguística Aplicada. Finalmente, espera-se que o percurso histórico aqui tracejado seja útil para a comunidade acadêmica no sentido de desmistificar e esclarecer um pouco mais sobre a Linguística Aplicada e contribuir na formação do conhecimento científico.

**Palavras-chave:** Contexto Histórico. Linguística Aplicada. Revisão Histórica

**Abstract:** This paper, considering the theoretical concepts from Linguistics and the diverse world historical contexts, aims to make a historical review of how the modifications around the definition, the purposes and the theoretical filiations of Applied Linguistics were processed, besides the attempt to point out, utilizing a historical perspective, the solution to the problems and limitations currently found in it. This historical review is relevant to the general comprehension of readers with few experience in the area or to beginners in this knowledge field, but not only to these ones, addressing the importance of historical facts to the future prospectations and the fostering of developing research about them. To build this theoretical review, it was used historical facts with representatively importance both in national (Celani, 2000; Fonseca, 2002; Soares, 2008) and international scenario (Cook, 2008; Grabe, 2010), and that had a determining role to the development of Applied Linguistics. Finally, this historical review built here expects to be useful to the academic community in a sense that demystify and clarify a little more about Applied Linguistics and to contribute for the formation of scientific knowledge.

**Keywords:** Historical Context; Applied Linguistics; Historical; Review.

## 1. INTRODUÇÃO

Considerando as mudanças dos conceitos teóricos da Linguística e a consequente mudança do que se entendem hoje nos estudos da linguagem em diversos contextos, a Linguística Aplicada (doravante LA) vem ao longo das poucas décadas de sua existência sofrendo modificações de diversas ordens, por exemplo, em sua definição, seu propósito e suas filiações teóricas. Tal fato traz à tona a importância de uma revisão histórica da forma em que se processaram estas modificações, e qual a solução para os problemas e limitações encontradas pela LA. Esta revisão histórica se faz de grande valia para a compreensão, por exemplo, por parte de leitores com pouca experiência na área ou mesmo iniciantes neste campo do conhecimento.

Para isto, será feita inicialmente, uma discussão sobre a nomenclatura da área e como isto reflete em seu escopo teórico e suas definições; logo após serão apontados alguns marcos históricos que delinearam o caminho traçado pela LA e será explanado como estes fatos mudaram as perspectivas vigentes na LA tanto em panorama mundial, quanto em nível nacional. E, finalmente, serão feitas algumas considerações sobre como se vê a LA no presente e as prospecções futuras que a área tende a atingir.

## 2. LINGUÍSTICA APLICADA OU APLICAÇÃO DA LINGUÍSTICA

É comum, ao nos depararmos com o título desta área, o questionamento inicial, “a Linguística Aplicada é (meramente) uma aplicação da ciência Linguística?” Para responder tal pergunta, consideramos como primeira concepção a de Celani (2000), Fonseca (2002), Soares (2008) entre outros, que recorrem ao caráter multidisciplinar e que é notoriamente inerente a LA, pois segundo estes, a LA faz uso não somente das teorias linguísticas, mas também se vincula a outras áreas do conhecimento, como Antropologia, Psicologia, Teorias Educacionais, Sociologia, Medicina entre tantas outras, para assim conseguir alcançar seus objetivos.

Esta perspectiva primeira de que a LA é apenas um membro da Linguística que teria por intuito a aplicação de suas teorias, ainda existe, embora não tenha mais tanta força, visto que é possível observar uma maior concentração de trabalhos apresentados em eventos científicos na área com temas que têm um extravasamento de tais teorias. É possível afirmar, como segunda concepção, seguindo Davies (2007), que há três possibilidades de sentido para esta “aplicação”, sendo a primeira simplesmente voltada à aplicação da Linguística, o que tem pouco a ver com a disciplina por conta da sua atividade social prática (considerando a Linguística como uma ciência idealizadora da linguagem), em um entendimento mais amplo, a LA se ocuparia com tudo o que envolvesse linguagem.

Compreendendo que nenhuma das duas concepções reflete fielmente as práticas da LA, Davies (2007, p.3) afirma que “Parece que a linguística deve desempenhar um papel muito importante para a Linguística Aplicada, mas de maneira alguma deve ser o único.”<sup>1</sup> e logo após, ele lista algumas das disciplinas que também fazem tal papel, como a sociologia, a antropologia, a psicologia e a educação. Mas, como podemos definir LA, considerando a abrangência de temas estudados e de disciplinas que dialogam com a mesma?

É possível definir LA de várias formas, Cook (2008, p.5) define LA como “disciplina acadêmica preocupada com a relação do conhecimento sobre linguagem para tomada de decisões no mundo real.”<sup>2</sup>; já Soares (2008, p.9) a define como “Disciplina enxergada com um grande espectro de pesquisas orientadas para o uso da língua e que se beneficia da multidisciplinaridade, dialogando com diversas áreas do conhecimento humano.”.

Ainda sobre as preocupações da LA, Rojo (2007) sugere que há hoje uma delimitação do interesse primário de pesquisa em LA, na qual ocorre uma transcendência tanto ao ensino de línguas (tópico central da LA em seus anos iniciais) quanto à discussão dos tipos de objetos de pesquisa selecionados; agora o foco encontra-se na sociedade em geral e os problemas que a envolvem

---

<sup>1</sup> “Linguistics, it seems, must play an important role in applied linguistics but by no means the only role.” (tradução nossa)

<sup>2</sup> “the academic discipline concerned with the relation of knowledge about language to decision making in the real world.” (tradução nossa)

cotidianamente, por conta do debate acerca do caráter inter- ou transdisciplinar das investigações, que antes eram apenas disciplinares.

Para demonstrar tal natureza multidisciplinar, Cook (2008) faz um apanhado das áreas de concentração da LA e a divide em três grandes grupos gerais que ele classifica como: Linguagem e Educação; Linguagem, Trabalho e Direito; e Linguagem, Informação e Efeitos. Dentro da primeira área, encontram-se educação de primeira língua e de línguas adicionais (segunda língua e línguas estrangeiras), linguística clínica e teorias de avaliação; a segunda área inclui: comunicação no ambiente de trabalho, planejamento da linguagem e linguística forense; por fim, a terceira área abrange a estilística literária, análise crítica do discurso, tradução e interpretação, design de informação e lexicografia.<sup>3</sup>

Esta divisão serve para ilustrar a riqueza de campos de atuação que são trabalhados pela LA, não obstante, vale ressaltar que tal configuração reflete apenas o que é estudado fora do Brasil, visto que em território nacional as preocupações são outras, por exemplo, com políticas linguísticas, estratégias de produção e compreensão escrita, crenças de ensino-aprendizagem de idiomas, tecnologias e ensino de línguas, dentre tantas outras. A seguir, será feito um breve percurso histórico sobre a LA no mundo, identificando como alguns fatores influenciaram na formação e consolidação do que hoje se compreende sobre a disciplina.

### **3. PRIMÓRDIOS DA LA NO CENÁRIO MUNDIAL**

É comum considerar a data de 1948 como o ano de início dos estudos desenvolvidos pela LA, por conta do lançamento da revista *Language Learning: a Journal of Applied Linguistics*. Segundo Grabe (2010), no início da década de 1950, a preocupação era basicamente o ensino de segunda língua e as aplicações da linguística neste ensino, fato este que gerou uma grande quantidade de variações metodológicas que perduram como herança ainda hoje em centros de idiomas, como por exemplo, o *método áudio-lingual*, o *sugestopédia* e o *método direto*.

Mas, qual momento histórico propiciou tal intenso movimento para o ensino e aprendizagem de idiomas? É consenso da LA, que a Segunda Guerra Mundial trouxe a necessidade prática e constante de comunicações entre aliados e inimigos

---

<sup>3</sup> As traduções dos tópicos citados são de responsabilidade do autor.

de guerra, e para tal, era indispensável um método que fosse eficaz e veloz, visto que o método até então utilizado e em voga era o ensino de gramática e tradução (que perdurava desde os gregos e romanos antigos, e que ainda hoje é utilizado em alguns ambientes de ensino formal no mundo), e este já não dava mais conta de abarcar as complexidades de tal processo.

No âmbito das metodologias de ensino de línguas, destacam-se Jack C. Richards e Theodore S. Rodgers, que somente em 1986 publicaram a obra *Approaches and Methods in Language Teaching: a description and analysis*, na qual é destacada a relevância que a Segunda Guerra Mundial teve no que concerne a grande variedade de metodologias diversas. Estas, por sua vez, tinham embasamento teórico principalmente em correntes da Linguística e da Psicanálise (RICHARDS; RODGERS, 1986), por exemplo, o *método áudio-lingual* tem sua formulação inteiramente fundamentada em teorias comportamentais behavioristas, o que marca a forte influência do Estruturalismo Norte-Americano.

Importante figura apontada por Richards; Rodgers (1986) como grande fundador do ELI (*English Language Institute*) da Universidade do Michigan e colaborador do livro supracitado por disponibilizar as técnicas e embasamentos utilizados por sua equipe no ensino de línguas, foi Charles Fries. Este renomado linguista teve importante papel na LA por conta de diversas publicações na revista *Language* durante os anos iniciais da década de 1940, que espalharam para o mundo acadêmico a influência Estrutural no ensino de idiomas, fato este que, ao mesmo tempo determinava as bases da LA nos seus primórdios como Estruturalista e despontava os Estados Unidos como referência no ensino de línguas. Logo, é possível identificarmos tal fato como um dos motivos que favorecem com que o inglês seja a língua mais ensinada e mais aprendida no mundo atualmente.

Em 1956, na Escócia, é fundado o Departamento de Linguística Aplicada de Edimburgo, sendo este, o primeiro que se tem registro. Tal fato histórico ficou bastante famoso por conta das influências advindas do Conselho Britânico que comandava a Escócia na época. Este foi um marco histórico que trouxe valiosas contribuições para a LA, pela demonstração de como os seus professores/treinadores de idiomas do Conselho Britânico (famosos por doutrinar de maneira impositiva a sua língua a colonos asiáticos e africanos com as técnicas de

RP<sup>4</sup>) ensinavam, podendo assim, dar alicerce às teorias que os novos alunos de graduação teriam acesso, e posteriormente, amplificariam ainda mais o seu alcance após a institucionalização na disciplina em 1957, nos currículos do departamento já citado.

O último marco histórico mundial a ser discutido aqui é o surgimento da AILA (Associação Internacional de Linguística Aplicada) em 1964, que teve papel fundamental por trazer à tona a intenção de institucionalizar a LA como ciência autônoma – apesar do caráter multidisciplinar já comentado. Assim sendo, a LA tem estatuto próprio na década de 1970 com a primazia pelo ensino de idiomas e sua testagem, firmando-se assim área independente da Linguística e não apenas uma mera aplicação da mesma.

A partir da década de 1970, com a conseguinte fortificação das teorias de Noam Chomsky nos Estados Unidos e seus argumentos sólidos quanto aos processos de aquisição da linguagem e aprendizado de línguas estrangeiras, os métodos *áudio-lingual* e *direto* tiveram suas estruturas abaladas, não por conseguir dar conta das exigências impostas pela necessidade implícita do uso de regras gramaticais, mas por não ter eficácia comunicativa fora do contexto de sala de aula.

Ademais, é possível verificar a partir de então a aproximação da LA com a Linguística da Fala, na qual a natureza multidisciplinar daquela, torna-se um campo fértil para a proliferação de novas metodologias e novas possibilidades técnicas para o ensino de idiomas. Por conseguinte, discutiremos como se deram alguns desdobramentos históricos referentes à LA no Brasil.

#### **4. LA EM TERRAS BRASILEIRAS**

No desencadear histórico da LA em panorama mundial, foi possível percebermos a formação de um processo no qual as influências sociopolíticas foram primordiais para os desdobramentos da LA, como por exemplo, a expansão da necessidade de se ensinar línguas estrangeiras advinda da Segunda Guerra Mundial, a forte hegemonia inicial dos ideais do Estruturalismo Norte Americano, dentre outros já citados na sessão anterior.

---

<sup>4</sup> Received Pronunciation (Técnicas que tendiam a forçar a incorporação de falantes não nativos ao sotaque da língua imposta no período de neocolonização.)

Entretanto, podemos observar que, em território brasileiro já não temos tantas rupturas radicais que mudam completamente os rumos da LA. Temos, porém, marcos históricos que colaboram para as tendências e rumos distintos a serem tomados durante os anos iniciais da LA no Brasil. Um deles é a criação do CBLA.

Os Congressos Brasileiros de Linguística Aplicada, por ser um dos eventos mais significativos da LA no Brasil, têm um papel fundamental na história da própria LA. Visto sua tradição, podemos identificar diversos aspectos, por exemplo, as áreas de maior expansão de pesquisa ou as áreas emergentes, e também as contribuições que a LA vem trazendo à sociedade.

Seguindo o artigo *Linguística Aplicada: uma Identidade Construída pelo CBLA*, no qual é proposto um percurso histórico dos congressos e seus desdobramentos, Archanjo (2011) considera o início dos CBLA já em caráter multidisciplinar, em outras palavras, logo na primeira edição – em 1986 – de um dos maiores congressos de LA que temos no Brasil, já há a presença da natureza multidisciplinar e multifacetada que tanto caracteriza a área, fato este, que não ocorre em seus primórdios do panorama mundial por ter o impasse já comentado sobre a mera aplicação, da ciência já estabelecida, Linguística.

Apesar disto, ainda era perceptível a aglomeração de trabalhos voltados ao que era proposto inicialmente como papel da LA. Nas palavras de Archanjo (2011, p. 614) sobre a primeira edição do evento:

[...] percebemos que a maioria dos trabalhos refletia as pesquisas realizadas nas tradicionais subáreas de investigação da LA, ou seja, ensino-aprendizagem de língua estrangeira, ensino-aprendizagem de língua materna, tradução, bilinguismo e educação bilíngue, sendo estas três últimas, geralmente, agrupadas em uma só subárea.

Por outro lado, já na sétima edição do CBLA, em 2007 (última a ser analisada no artigo supracitado), já é possível perceber que além dos temas que foram expostos acima e que são as bases da LA, há também novas tendências, como por exemplo, contextos de diversidade e transculturalismo, políticas linguísticas públicas e disciplinaridade da LA.

Em seu turno, Moita Lopes (2006) traz à tona a discussão da disciplinaridade da LA, e aponta tal nomenclatura de caráter multidisciplinar, transdisciplinar e pluridisciplinar como ultrapassada e propõe o termo *indisciplinar* para defini-la. Moita

Lopes (2006, p. 26) mostra sua inquietação ao afirmar que “tem de responder continuamente a perguntas como ‘O que é LA?’ ou ouvir afirmações tais como ‘essa é a área dos estudos linguísticos sobre a qual sei menos’”, e é por isto que ele a considera indisciplinar, por que, segundo ele, apesar da área já estar bem solidificada para os linguistas aplicados, ainda há uma dificuldade de penetração e aceitação da disciplina por parte principalmente dos linguistas.

Para Cavalcanti (2004), é possível fazermos um mapa geral do desenvolvimento da LA, e segundo ela, na década de 1970 (os primeiros momentos da LA no Brasil), o foco das discussões era na análise contrastiva. Já na década de 1980, o foco central das pesquisas era a leitura e os processos cognitivos que a envolvem, sendo esta, tanto em primeira quanto em segunda língua.

Ainda segundo Cavalcanti (2004), nos anos iniciais da década de 1990, há a consolidação da subárea de ensino-aprendizagem de língua estrangeira, e já é visível a diferenciação que esta tem quanto à subárea de ensino-aprendizagem de língua materna. Por sua vez, no final da década de 1990, há o desenvolvimento da subárea de ensino-aprendizagem de língua materna, principalmente, em estudos na área de letramento, produção escrita e formação de professores.

Finalmente, já na virada dos anos 1990 para os 2000, a LA consegue se estabelecer como linha de pesquisa em vários programas de Pós-Graduação e há aumento na produção na área de estudos da tradução, educação bilíngue, gênero, novas tecnologias, discurso e identidade. Acontecendo, por fim, segundo Cavalcanti (2004, p. 25) “a consolidação da LA como área de conhecimento e produção intelectual, reconhecida através de publicações e eventos específicos e do financiamento da pesquisa por agências como CAPES e CNPq.”.

Por fim, comentaremos sobre outras duas grandes entidades, a ALAB e a RBLA. A Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB) é a maior responsável por publicações relevantes no país e tem respaldo internacional, visando construir caminhos entre estudiosos da LA de diferentes centros acadêmico-científicos e promover o dialogismo com a comunidade acadêmica em geral.

Para expor as pesquisas que os associados desenvolvem, pelo menos anualmente, é lançada uma revista com os temas mais relevantes e pertinentes a LA; a Revista Brasileira de Linguística Aplicada (RBLA). Esta é, provavelmente, a

revista de maior circulação nacional sobre os assuntos referentes à LA e atualmente vem tanto em versão impressa quanto em versão digital. Nela, é possível fazer um levantamento dos principais temas e trabalhos publicados na área, além de, mapear as novas tendências nas quais os linguistas aplicados vêm apostando.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, foi realizada uma tentativa de organizar os fatos históricos que permearam e influenciaram os desdobramentos da LA nos seus anos de existência. Assim, foi verificado que vários acontecimentos históricos têm reflexos evidentes nas temáticas e tendências da LA, que é fruto, por exemplo, nascido da Segunda Guerra Mundial.

Esperamos, finalmente, que este percurso histórico aqui tracejado, apesar de reconhecer o enfoque dado a alguns aspectos e deixar outros tantos de fora do recorte, seja útil para a comunidade acadêmica, no sentido de desmistificar e esclarecer um pouco mais sobre a Linguística Aplicada e contribuir na formação do conhecimento científico.

## REFERÊNCIAS

ARCHANJO, R. Linguística Aplicada: uma Identidade Construída pelo CBLA. In: **Revista Brasileira de Linguística Aplicada (RBLA)**. Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 609-632, 2011

CAVALCANTI, M. Applied linguistics: Brazilian perspectives. **AILA Review**, Amsterdam/Philadelphia, n. 17, p. 23-30, 2004.

CELANI, M. A. A. A Relevância da Linguística Aplicada na Formação de uma Política Educacional Brasileira. In: FORTKAMP, M.B.M. **Aspectos da Linguística Aplicada**. Florianópolis: Insular, 2000.17-32.

COOK, G. **Applied Linguistics**. Oxford Introductions to Language Studies. Oxford University Press. 2008

DAVIES, A. **An Introduction to Applied Linguistics: From Practice to Theory**. Edinburgh Textbooks in Applied Linguistics. Edinburgh University Press. 2007.

FONSECA, F. I. Linguística Aplicada ou Linguística Aplicável? In: **Actas do Coloquio: A Linguística na Formação de Professores de Português**. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. 2002. p.15 – 26

GRABE, W. Applied Linguistics: A Twenty-First-Century Discipline. In: **The Oxford Handbook of Applied Linguistics**. Oxford. Ed. 2. 2010. Disponível em: <[www.oxfordhadbooks.com](http://www.oxfordhadbooks.com)> Acesso: 10 de Jun. 2016

MENEZES, V.; SILVA, M. M.; GOMES, I.F. Sessenta anos de Lingüística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, R.C.; ROCA, P. **Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 25 – 50.

MOITA LOPES, L.P. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: **Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 13 – 44.

RICHARDS, J. C.; RODGERS, T. S. **Approaches and methods in language teaching: a description and analysis**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

ROJO. R. Gêneros do discurso no círculo de Bakhtin - ferramentas para a análise transdisciplinar de enunciados em dispositivos e práticas didáticas. **Anais do IV simpósio internacional de estudos e gêneros textuais**. Tubarão, SC: [s.n.], agosto de 2007. p. 1761-1775.

SOARES, D. **Introdução à lingüística aplicada e sua utilidade para as pesquisas em sala de aula de língua estrangeira**. Texto resultado do I Simpósio de Estudos Filológicos e Lingüísticos. CiFEFiL. Rio de Janeiro. 2008. Capítulo 1, p. 45 – 65.